



**PROJETO DE LEI N.º \_\_\_\_/2025**

*Declara que as festas de Caruru de São Cosme, São Damião e Doum; dos Erês, dos orixás Ibeji e dos nkisis Nvunji, são Patrimônio Cultural e Imaterial do Município de Vitória da Conquista e dá outras providências*

A Câmara Municipal de Vitória da Conquista, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições, faz saber que o Plenário da Câmara aprova a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Fica declarada que as festas de Caruru de São Cosme, São Damião e Doum; dos Erês, dos orixás Ibeji e dos nkisis Nvunji, são Patrimônio Cultural e Imaterial do Município de Vitória da Conquista, por seu relevante valor religioso, histórico, cultural e social.

**Art. 2º** - As tradicionais Festas de Caruru de São Cosme, São Damião e Doum; dos Erês, dos orixás Ibeji e dos nkisis Nvunji são celebradas há centenas de anos, sendo celebradas, em sua maioria, nas proximidades do dia 27 de setembro (mas também em outras datas), caracterizando-se não somente como uma refeição, e sim como um potente ritual de solidariedade, devoção, renovação e resistência, reunindo famílias e comunidades em torno da fé, da partilha e da proteção à infância, perpetuando práticas ancestrais que compõem a riqueza da cultura afro-brasileira.

**Art 3º** - As Festas de Caruru de São Cosme, São Damião e Doum; dos Erês, dos orixás Ibeji e dos nkisis Nvunji são reconhecidas em suas múltiplas vertentes, tanto na perspectiva dos terreiros de religiões de matriz africana, nos costumes familiares (muitas vezes ligados a gestações de gêmeos, ou dificuldades em partos), na perspectiva individual (de pessoas que pagam promessas, ou fazem distribuição de refeições, doces ou brinquedos) ou todas as outras em que se expresse.

**Art. 4º** - São objetivos da declaração de que trata esta lei:

I - a preservação da tradição, da importância e da referência histórica e social do evento;



II - a conservação da memória e divulgação da cultura popular afro-brasileira e do sincretismo religioso, assegurando sua transmissão às futuras gerações;

III - a difusão das noções de respeito e tolerância religiosa como elemento essencial ao exercício do direito à liberdade de crença;

IV - propiciar que as Festas de Caruru de São Cosme, São Damião e Doum; dos Erês, dos orixás Ibeji e dos nkisis Nvunji não sofram em sua organização ou realização qualquer tipo de embargo, impedimento ou restrição por parte do Poder Público, salvo aquelas impostas por lei formal, devendo os órgãos e agentes da administração pública garantir a segurança, facilitar o acesso da população aos locais, impulsionar sua divulgação, e prestar apoio à realização dos eventos;

V - possibilitar que o Município estabeleça parcerias, ceda espaços públicos, forneça estrutura, gêneros alimentícios (através de políticas públicas como o PAA - Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar ou outros congêneres) e cooperação com intuito de estimular a realização desses eventos no máximo de localidades possíveis.

Art. 5º - Cabe ao Poder Executivo Municipal a adoção das medidas cabíveis para registro do bem cultural e imaterial de que trata esta lei.

Art. 6º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Plenário Vereadora Carmem Lúcia, 27 de setembro de 2025 – Dia de Ibeji e Nvunji

*Alexandre Garcia Araújo*  
Alexandre Garcia Araújo - Xandó  
Ogã do Ilé Àṣé Yèyé Omi Titun  
Vereador (PT)

## JUSTIFICATIVA



A tradicional Festa do Caruru de São Cosme e São Damião na Bahia há centenas de anos se celebra em especial no dia 27 de setembro, uma mistura de sincretismo religioso, dos Santos Gêmeos da Igreja Católica, de Doum e dos Ibejis, Erês e Nvunjis, divindades crianças do Candomblé, com riqueza do banquete que faz a alegria de todo o povo da Bahia, onde reúne todas as comidas do Candomblé na oferta aos Santos Gêmeos. São muitos os ritos e tradições, ou popularmente chamados de preceitos na ritualística de preparação dessa tradicional festa baiana que não só alegra os Santos e as Comunidades, mas que também aquece o comércio e as feiras livres.

Saberes que foram passados pelos mais velhos, tendo origem nas Comunidades de Terreiro, mas que se celebra em muitas casas com graças alcançada, tradição familiar, devoção, ou até mesmo pelo fato de ter sido premiado com um quiabo inteiro no seu prato. Assim, reza a tradição, de quem pegar um quiabo inteiro, precisa dá um Caruru no outro ano. Servido na roda dos 7 (sete) meninos ou na babuia (bacia coletiva), o Caruru de São Cosme e São Damião é uma das festas mais esperadas pelos baianos, pois é a certeza de mesa farta e comida de graça sem distinção.

Caruru, vatapá, galinha de xinxim, acarajé, abará, feijão fradinho, feijão preto, farofa de dendê, rapadura, cana, pipoca, banana frita e tantas outras coisas mais totalizando 21 (vinte e uma) iguarias representando a comida de todos os Orixás do Candomblé. Festa com tradição própria desde cortar os quiabos respeitando uma ciência ancestral, onde o dono do caruru inicia o corte em cruz bem miudinho, tem músicas próprias que seguem um misto dessa difusão do sincretismo religioso que transformou os Santos Gêmeos da Igreja Católica em Divindades Crianças dos terreiros de Candomblé.

A origem do caruru está ligada a diferentes matrizes culturais. O nome vem do tupi caá-riru, que significa “erva de comer”, lembrando que, em versões mais antigas, eram utilizadas folhas como bredo e taioba no preparo. Com a presença africana, especialmente de povos oriundos do Golfo do Benim, a receita incorporou o quiabo e o azeite de dendê, que se relacionam diretamente à cosmologia iorubá. Na tradição, o quiabo é também a base do amalá, comida oferecida a Xangô e aos Ibejis. Esse encontro entre referências indígenas e africanas ajudou a consolidar o caruru como parte essencial da identidade cultural da Bahia.



Relatos históricos do século XIX mostram que o caruru já era realizado tanto em casas particulares quanto em espaços comunitários em Salvador e no Recôncavo. Em muitos lugares, o costume envolvia a realização de grandes festas com vizinhos, música, samba, rezas e distribuição de doces. Essa dimensão coletiva segue presente até hoje, reforçando o papel do caruru como espaço de convivência, fé e fortalecimento de laços comunitários. Além de sua importância nas religiões de matriz africana, a tradição se espalhou também para contextos familiares e populares, alcançando até aldeias indígenas que incorporaram a celebração aos seus próprios rituais.

Apesar da sua força cultural, o caruru também enfrentou dificuldades ao longo do tempo. Durante muitos anos, práticas ligadas às religiões afro-brasileiras sofreram perseguição e tentativas de apagamento, o que atingiu também a realização do caruru. Mais recentemente, manifestações de intolerância religiosa continuam a ameaçar a tradição, muitas vezes associando os ritos a preconceitos ou demonizações. O reconhecimento como patrimônio imaterial surge como um instrumento de proteção frente a essas ameaças e uma forma de valorizar a importância histórica e cultural do caruru.

Ao registrar o caruru de São Cosme e Damião como patrimônio, o Município não reconhece apenas uma receita, mas todo um conjunto de práticas, saberes e modos de viver que atravessaram séculos. A patrimonialização permite a implementação de ações de salvaguarda que incluem documentação, apoio às comunidades detentoras, projetos educativos e incentivo à continuidade da tradição entre as novas gerações.

Especificamente com relação a essa tradição em nossa cidade, trazemos inicialmente um fato pouco conhecido. A dita “Suiça Baiana”, cidade com a décima maior população quilombola do Brasil (Censo 2022), possui entre 150 a 200 terreiros de religiões de matriz africana (Umbanda, Quimbanda e Candomblé de nações Ketu, Angola, Jêje e Efon). Essa informação é silenciada em decorrência do racismo estrutural, e em se tratando do tema deste projeto, resgatamos uma memória que se apagou: a Festa de Cosme e Damião no Mercado Municipal Fernando Spínola (Mercadão em frente à Praça da Bandeira). Localizamos no Arquivo Municipal da Prefeitura duas reportagens de jornais do ano de 1977:



Reportagem sobre Festa de Cosme e Damião em 1977

# Departamento de Turismo faz hoje a festa de Cosme e Damião

Hoje a partir das 17 horas o Departamento de Turismo da Prefeitura através do seu titular Israel Orrico (Zai) juntamente com os comerciantes do Centro Comercial Fernando Spínola (Mercadão) vão fazer as festas em louvor a São Cosme e São Damião padroeiros do Mercadão.

Os festejos começarão com a colocação das imagens dos Santos Padroeiros em um oratório construído no Mercadão, com a cerimônia religiosa sendo presidida pelo Bispo Diocesano Dom Clímerio de Almeida, Israel Orrico

val inaugurar o ninho onde ficarão os Santos Padroeiros, a cerimônia contará com a presença do prefeito Raul Ferraz e outras autoridades.

A Comissão de festejos a Cosme e Damião para 78 já foi formada e Zai juntamente com os comerciantes do Mercadão prometem para o próximo ano um gigantesco carurú que será servido à população, hoje teremos apenas a festa religiosa e comes e bebes para os convidados.

Fonte: Jornal Tribuna do Café, ano IV, n. 353, 27.09.1977. Arquivo da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, Caderno 24



Reportagem sobre Festa de Cosme e Damião em 1977

# Conquista fez a festa em louvor a Cosme e Damião

Ontem Vitória da Conquista manteve uma tradição de muitos anos, quando festejou São Cosme e São Damião canonizados pela Igreja Católica e eleitos santos dos Terreiros de Candomblés, onde, sob a invocação de "Doú" entidades bivalentes, ocupam lugar privilegiado nos peguis (Altares).

O movimento foi maior principalmente a noite quando centenas de fiéis se locomoveram as várias residências e Centros de Candomblés para participarem do carurú em homenagem a Cosme e Damião. Mantendo uma tradição de muitos anos o Centro São Jorge começou cedo as comemorações com homenagens e o tradicional carurú foi servido a todos visitantes. Paulo Gerônimo, filho de falecido Pequeno deu sequência a devoção do seu falecido pai oferecendo um dos mais famosos carurús da cidade e abrindo o Centro desde as primeiras horas da manhã, recebendo as Mães de Santo que fizeram as homenagens a Cosme e Damião.

## MERCADÃO

A festa maior foi realizada no Mercado Fernando Spínola quando em promoção do Departamento de Turismo foram bentas as

imagens de Cosme e Damião pelo Padre Faila, representante do bispo diocesano D. Clímerio de Andrade.

Ao ato compareceram o prefeito Raul Ferraz, secretários municipais, Otávio Luna — presidente da Associação Comercial, Enézio Gonçalves — presidente do Rotary, Tenente Enéas — Relações Públicas do 9º BPM, Sargento Florisval Nascimento — Instrutor — Chefe do Tiro de Guerra 06-120, vereador Ramaldes Rocha, Dilson Oliveira — diretor da Telebahia, Aníbal Viana — Presidente da Associação Conquistense de Imprensa e também representando o Jornal de Conquista, Hélio Gusmão — Correspondente do Jornal da Bahia, e povo em geral.

O bel. Djalma Nobre falou sobre a vida e folclore de Cosme e Damião o que arrancou aplausos de todos ali presentes, também fez uso da palavra em nome dos baraqueiros do Mercadão, Elias Dias Lima e finalmente falou o prefeito Raul Ferraz, elogiando o seu Diretor de Turismo, Israel Zai Orrico, responsável por aquela festa e que realmente vem dinamizando cada vez mais o Departamento de Turismo.

Fonte: Jornal Tribuna do Café, ano IV, n. 354, 28.09.1977. Arquivo da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, Caderno 24



As matérias dão conta de dois eventos diferentes: um caruru no Centro São Jorge, oferecido pelo filho do já falecido Zé Pequeno; e a cerimônia de colocação das imagens de Cosme e Damião, Padroeiros do Mercadão, em um oratório. No Mercadão, o evento teria contado com a presença de autoridades como o Prefeito, Vereadores, Militares (lembremos que vivíamos sob a égide da ditadura militar), representantes de organizações como o Rotary e Associação Conquistense de Imprensa.

Conversando com os mais velhos de santo, a grande maioria nunca tinha ouvido falar dessa atividade, somente com um ou outro dizendo que se lembrava das imagens. Movido pela curiosidade, decidi ir ao Mercadão (no dia 09 de janeiro de 2024) procurar os comerciantes mais antigos, e as casas de artigos de religião afro que circundam aquele local. Diversas pessoas apontaram os comerciantes de nome Hermes e Minelvino como figuras que estariam ali desde a fundação. Em conversas informais, ao indaga-los sobre o tema, me disseram que não se lembram de nenhuma imagem ou festa de Cosme e Damião no local. Puxei o celular e li as matérias acima para eles, e mesmo assim disseram que não se lembravam de nada.

Me desloquei então às lojas de produtos religiosos Casa Cosme e Damião e Casa de Umbanda dos Orixás, que ficam no entorno do Mercado, onde conversei com os proprietários Eron e Valmir (respectivamente). Ambos disseram que não são dessa época, que chegaram em Conquista há pouco mais de 20 anos, mas que nunca tinham escutado nada sobre tal evento. Valmir me disse que hoje as lojas deles são as mais antigas do ramo do local, mas anteriormente existia uma de nome Flora Bahia, de propriedade de Vicente Celino, e talvez o pessoal desse tempo soubesse.

Quando já estava desanimando com as respostas que escutava, um fato inusitado aconteceu. Uma senhorinha de cabelos bem branquinhos estava no balcão perguntando o preço de imagens “da sereia” e de Oxumaré, e ao ouvir nossa conversa falou: “Eu lembro! Isso é do tempo de Raul Ferraz, eu era mocinha”. Perguntei se ela chegou a comer caruru, respondendo que não, mas que se lembrava das imagens: “ficavam lá dentro, não eram pequenas não, era mais ou menos assim” - e colocou a mão na barriga, dando a entender que tinha aproximadamente um metro. Como ela estava de saída, não tive sequer tempo/reação de perguntar o seu nome, mas me despedi dizendo “muito obrigado, que esse ano seja de muito axé pra senhora”, e ela me respondeu com um “amém”.



Tal situação leva a uma infinidade de questionamentos. Como um evento noticiado num grande jornal a época, que teria tido a presença de prefeito e benção de padre foi praticamente esquecido? Os comerciantes não se lembram porque não estavam presentes, porque aconteceu em um local diferente ou porque o fato não lhes chamou atenção? Onde foram parar essas imagens? A promessa da comissão de festejos, de “servir para a população um gigantesco caruru” em 1978 se concretizou? O nicho/altar foi construído? São perguntas que merecem respostas através de pesquisas mais aprofundadas, a serem realizadas após a patrimonialização desta festividade popular tão importante.